

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

97)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 9, 1839)



GUILHERME TELL SALVANDO BAUMGARTNER.

ANDA tão vulgarisada a historia de Guilherme Tell, que, não fazendo aqui della particularisada menção, fallaremos só de um dos dotes extraordinarios deste homem celebre, dote que deu origem a varias tradições populares, e por fim ao quadro, cuja copia apresentámos no principio deste artigo. — Tell passa entre os suissos por ter sido um dos homens mais habéis em marear uma barca nos lagos daquelle paiz, assim como gosa da reputação de ter sido um dos melhores frécheiros, que houve na Europa.

É geralmente sabido que Gessler, homem ferocissimo, era governador da Suissa em nome d'Alberto d'Austria; que o malvado tinha mandado pôr o seu chapéu sobre um póste no meio d'uma praça publica, e obrigava todos os que por alli passavam a saudar este emblema da auctoridade ducal; e que Guilherme Tell, não querendo obedecer a esta ordem tyrannica, fôra mandado carregar de ferros pelo despota. Neste ponto da vida do heroê suisso começa o maravilhoso a apparecer, e a converter-se a historia em novella. O delegado do imperador condemna Guilherme a atirar uma frécha a um pomo, posto sobre a cabeça do proprio filho, e o frécheiro destrameu-

te executa o mandado, sem que a pobre creança fosse, nem levemente, offendida.

Este caso é hoje tido em conta de fabula por escriptores graves e sisudos, visto nenhuma chronica ou documento coevo fazer delle menção, e parecer, além disso, apenas a repetição de um conto mais antigo, que se diz succedeu em Dinamarca. — Todavia um livro, que appareceu na Suissa, em que se apurava a falsidade desta tradição historica, foi queimado pela mão do carrasco, em o cantão de Uri, e a custo escapou o auctor de lhe succeder o mesmo; tal é o perigo de se affrontar com a credulidade e prevenção do vulgo.

Mas ha factos na historia de Tell, que, apesar de extraordinarios, não são contestados. Tal é o seguinte: tinha-se feito já a revolução suissa, e Tell caíra nas mãos de Gessler. Receiando este que os revoltosos tentassem algum commettimento d'improviso para libertar o seu terrivel chefe, resolveu manda-lo transportar para o castello fortificado de Husnacht. Este prisioneiro parecia-lhe de tanta importancia, que de ninguem quiz fiar o encargo de o guardar: — tinha de passar um lago, e Gessler embarcou com

elle na mesma barca: mas, apenas chegados á altura de Gurtli, levantou-se uma horrenda borrasca. Os remeiros desanimados começaram a clamar que só Guilherme Tell os podia salvar do perigo, e Gessler se viu na necessidade de mandar desamarrar o prisioneiro, e entregar nas suas mãos a canna do leme. Com tanta habilidade, e boa fortuna, mareou Tell a embarcação, que, apesar do temporal, pôde approximar-se de um rochedo, que boja para o lago, fazendo em cima um assento plano; e aproveitando um ensejo favoravel, deu um largo pulo para a costa, e desapareceu entre os alcantis.

A admiração dos suíços por Guilherme Tell fez com que alevantassem uma capella neste sitio, a que ficaram chamando o *Salto de Tell*, e todos os annos se veem ir alli bom numero de peregrinos celebrar a independencia do seu paiz, e cantar a gloria do principal libertador da Suíça.

Já antes deste successo, segundo se conta, Tell havia dado outra prova da sua audacia em contrastar com as procellas, e ao mesmo tempo da generosidade do seu character.

As auctoridades austriacas, que governavam a Suíça, opprimiam este desgraçado paiz com um despotismo tão violento, e barbaro, que a mulher de um dos tres conspiradores de Rutli dizia a seu marido: "Não quero mais alimentar filhos que venham a ser mendigos, e filhas para serem deshonradas por estrangeiros: Werner, se as nossas montanhas já não são habitadas por homens, mas só por covardes, tira-me a vida." Tendo querido um dos agentes imperiaes attentar contra a honra da mulher d'um habitante do cantão de Underwald, o marido irritado o matou com um golpe de machado. Perseguido por alguns soldados, chegou á beira do lago, chamado dos quatro Cantões, justamente no momento em que uma furiosa tempestade erguia em vagalhões as aguas. O barqueiro, medroso por causa do temporal e por causa dos soldados, recusava salvar o culpado da vindicta imperial, e tambem expôr-se aos riscos do lago revolto pela procella. Baumgartner, assim se chamava o habitante de Underwald, ia cair nas mãos dos seus inimigos, quando por acaso alli appareceu Guilherme Tell. Não era elle homem que recuasse diante de estrangeiros enraivecidos, ou de tempestades furiosas, e tal era a sua força, e a habilidade que tinha para remar, que, apesar das sinistras prophcias dos circumstantes, mettu-se na barca, atravessou o lago, e poz a salvo o fugitivo na margem fronteira. A sua mulher, que o reprehendeu depois de assim se esquecer della, e de seus filhos, respondeu o intrepido Tell: Pelo contrario; eu pensava em vós e nelles, salvando assim um paê para seus filhos, um marido para sua mulher.

Esta anedocta, aproveitou-a Schiller para um dos mais affectuosos episodios do formoso drama, intitulado *Guilherme Tell*; e ultimamente Mr. Lugardon, para fazer um quadro allusivo a ella, que damos copiado na gravura que precede este artigo.

DA CULTURA DAS AMOREIRAS.

As AMOREIRAS vegetam excellentemente nas eminencias ou cabeços descobertos ao Sul e ao Leste, ou nas cimas dos outeiros resguardados das nortadas por outros outeiros contiguos mais elevados; em tal exposição gozam sempre da influencia do sol, crescem e mantêm-se bem, e as folhas que produzem são da qualidade requerida para que o bicho se crie prosperamente, e augmente a produção. Não acontece assim quando as arvores estiverem expostas ao

Norte, ou quando as plantarem em vastas planicies, em valles, em terras alagadiças, ou emfim juncto a ribeiros, lagos, ou costas maritimas: nestas exposições vegetam mal, e as folhas são poucas e ruins. A humidade da atmosphera perturba a transpiração da arvore; e as folhas fazem-se duras, asperas ao tacto, e de sabor insipido. Nos valles, não sendo igual a acção do sol, transtornam-se as funcções da vegetação das amoreiras. A evaporação salina do mar altera por tal fórma o gosto e substancia da folhagem que os bichos não lhe pegam.

As terras calcareas, arentas e saibrentas são as mais proprias para as amoreiras; tambem lhes convém muito os terrenos asperos e glutinosos, e os ferruginosos, mormente sendo combinados com um terço das primeiras terras de que fallámos. As terras crassas, e argilosas são-lhes contrarias; e o solo humido e pantanoso, ainda que favoreça a vegetação, produz tão má folhagem que faz inchar os bichos, e os mata.

As sementes devem escolher-se dos fructos que caem de maduros, creados em uma arvore vigorosa, seccos depois á sombra, havendo todo o cuidado em os preservar da humidade e dos insectos. O melhor será guarda-los, depois de bem seccos, em um vaso tapado, misturados com arêa pura e muito enxuta.

A epocha propria para a sementeira, nos paizes temperados, é o mez de Junho. Então se tiram os fructos mirrados da arêa que os envolve, esfregam-se entre os dedos para ficarem sem capa alguma; e antes de semear, põe-se a grainha, limpa, de molho por dez horas ou mais, para accelerar a germinação. Abre-se uma pequena valla de dois, a dois e meio palmos de fundo, da largura e comprimento proporcional á sementeira que se quer fazer. Entulha-se esta valla com terra propria para a germinação, a qual é inteiramente differente da terra commum, por ser uma combinação de boa terra vegetal, ou humus, com um terço de estrume. Cheia a cortadura, arrasa-se a superficie sem a bater, inclinando-a a Leste ou ao Sul, a fim de ficar mais exposta á influencia solar; neste declive fazem-se regos parallelos, na distancia pelo menos de sete pollegadas, na direcção conveniente ao clima e ao territorio: nestes de tres em tres pollegadas se abrem buracos de pollegada e meia d'alto, em cada um dos quaes se enterram duas grainhas ou sementes, que se cobrem de terra sem as comprimir. Por este feitio se formam os viveiros, que se regarão cuidadosamente com um regador *de chuva miuda* pela manhaã e á tarde nos tres primeiros dias. Quando as plantas nascerem, regar-se-hão com agua misturada com uma solução de estrume bem desfeito, com um regador de bico, e com toda a cautella de deitar agua nos pés sem offender as folhas tenras; isto uma vez por dia.

Importa guardar das trovoadas e do granizo os viveiros, cobrindo-os com esteiras ou matto; e resguarda-los dos coelhos e outros herbivoros com grades de vime bem fixas na terra: não menor cuidado deve haver em os mondar das hervas assim que brotam. Com estas precauções os pés novos d'amoreiras prosperam optimamente.

Quando se verificar que a compleição das plantas novas permite a transplantação, escolhidas as perfeitas, se poderão mudar para o logar do *amoreiral* permanente, cuja terra deve estar bem preparada, ou cavada ou lavrada.

Gastar tempo e palavras em descrever minuciosamente a operação da transplantação, da abertura de covas, e mais amanhos, é uma superfluidade: estes trabalhos só os faz quem os viu fazer, e se ha-

bitou a elles; isto quanto ás diversas circumstancias que occorrem nestas operações, que variam segundo as localidades e accidentes muitas vezes imprevistos; porque em quanto ao trabalho braçal, todos sabem cavar uma cova &c. — Causa tedio o lêr nos livros dos agronomos longas descripções de processos communissimos, e que a final nada ensinam. Relativamente ao nosso objecto basta ponderar, que a extirpação das plantas novas deve ser feita por excavação, attendendo a não deteriorar a minima raiz; que, em terreno bom, trinta e seis amoreiras devem occupar um quadrado de 144 pés; que nas covas se deve lançar um terço de terra vegetal misturada com a que se lhes tirou, até se encherem completamente, ficando sempre a terra balôfa, e erguendo-a á roda do pé disposta conicamente como quem amontôa milho; que as regas se devem fazer, para ajudar a vegetação, simplesmente pelos pés das amoreiras, e quasi nada pela área circumvisinha; que estas regas só a estação, e a necessidade da plantação as gradúa; e finalmente que a monda das hervas parasitas deve ser assidua e efficaz. Eis em summa os essenciaes preceitos deste genero de cultura em seu começo.

As amoreiras nascem todas bravas; estas são, em todo o caso, as melhores, as mais vigorosas, e de mais longa duração. Todavia enxertam-se ou de garfo, ou de escudo; mas este ultimo methodo é o mais feliz e proficuo. As enxertias fazem-se porque, dizem os practicos, as folhas da brava não são tão nutritivas, e não despegam tão bem ao colhêr, precisando por isso muita mais gente para este trabalho.

As amoreiras transplantam-se do viveiro quando teem dois annos; pouco depois de plantadas arrebenham com muitos olhos na ponta; em tendo meio palmo as arvores, se lhes arrancam os olhos superfluos, deixando quatro ou cinco em torno da ponta, distantes uns dos outros, continuando a expurga-las dos outros que sobrevierem e dos ladrões, que rebentarem do pé. A terra deve agricultar-se, e pôde semear-se, estrumando-a; porém os cereaes só as não damnificam, sendo cortados em verde. As leguminosas podem cultivar-se não as approximando muito das arvores novas.

A amoreira enxerta-se quando as pernadas, que se lhe deixam, teem a grossura d'uma bengala ordinaria, e pela sua vegetação e apparencia inculcam robustez; não estando vigorosa deve demorar-se mais algum anno a enxertia.

Cortam-se estas arvores quando teem os seis annos, deixando só as quatro pernadas, e estas mesmas na distancia de 5 ou 6 palmos do seu nascimento, cuidando em que o córte seja nos pontos onde houver rebentões, de fórma que não fique páu em secco. Os córtes é util fazerem-se depois de colhida a folha, ou no momento de a colhêr, porque se apanha dos ramos no chão. Repetem-se estes córtes de tres em tres annos, sendo só pela terça parte do numero dos pés, para que haja sempre folha nova, e folha velha. Sem estas podas, as arvores envelhecem rapidamente, e o musgo as consome; com ellas, produzem mais folha, e mais tenra para os bichos. Além disto, logo depois da colheita das folhas, se devem podar as varas muito fracas onde estiverem bastas, as que encruzam e rogam nas outras, aparando e alizando as que estiverem quebradas, e limpando todas as rabugens interiores, precaução esta, mediante a qual se obtem na proxima colheita maior copia de folhas, e de melhor qualidade.

Taes são em compendio os preceitos mais geraes que extraímos de uma obra franceza intitulada — *L'art de la setifère* — pelo doutor Pitaro, e de um

livrinho portuguez, escripto por um agricultor practico na materia, e que em grande parte coincide com a doutrina da obra franceza: por isso e porque a frase deste opusculo é clara, e propria para todas as intelligencias, assentámos dar aqui o seu titulo, que é o seguinte: — *Tractado practico da cultura das amoreiras e da criação dos bichos da seda*: por Simão d'Oliveira da Costa Almeida Osorio. Lisboa: Imprensa Nacional. 1824.

O SINO DO KREMLIM.

O sino do Kremlin em Moscow é uma das maravilhas deste genero, que ha no mundo. Foi fundido no anno de 1733 por ordem da imperatriz Anna: o fundidor era russo, e chamava-se Miguel Motorine. Segundo o viajante inglez Clarke, que o mediu, esta grande machina tem de altura 21 pés e $4\frac{1}{2}$ pollegadas: dois pés acima da boca a sua circumferencia é de 67 pés e 4 pollegadas; e o seu diametro de 21 pés e 6 pollegadas, pouco mais ou menos. A grossura, no sitio em que deve bater o badalo, é de 23 pollegadas, e o peso total do sino orça por 400:000 arateis. A elegancia do feitio, o estylo dos baixos relevos, a riqueza do metal, que é um composto de ouro, prata, e cobre, fazem com que elle seja um monumento do adiantamento na arte da fundição a que a Russia tinha chegado na epocha em que foi feito.

Em Julho de 1836 se levou felizmente a cabo a ariscada empreza de erguer ao ar esta espantosa montanha de metal, que estivera até então meia enterrada no chão, dentro do palacio do Kremlin. Foi encarregado desta empreza um celebre engenheiro, chamado Mr. de Monferrand. Como o sino estava em uma cova, e já mettido na terra obra de trinta pés, fizeram-lhe de roda grandes excavações. Sobre estas se construiu um fortissimo e alto andaime, para se erguer temporariamente o sino a conveniente altura. Construido o andaime, as auctoridades de Moscow, e um grande numero de espectadores se reuniram, certo dia ás 5 horas da manhã, no Kremlin, e feitas preces pelo bom successo da tentativa, a operação principiou a um signal dado por Mr. de Monferrand. Seiscentos soldados começaram a fazer girar um grande numero de cabrestantes, e dentro em breve se viu subir o sino até o andaime, gastando em chegar á conveniente altura 42 minutos, durante os quaes nenhuma desgraça aconteceu. Acabada a primeira operação, seguiu-se o construir uma plata-fórma debaixo do sino suspenso: esta se começou e acabou no espaço de oito horas, e depois se deixou assentar o sino sobre ella. No dia seguinte collocaram-no sobre uma desmedida zorra, e por um plano inclinado o levaram acima do pedestal em que devia ficar.

Esta collossal obra da arte, apesar de ser tão maravilhosa, não passa de mera curiosidade. O servir como sino é impossivel, por causa de uma fractura de quasi sete pés d'alto, e dois de largo, que tem na boca, onde a grossura do metal é de 23 pollegadas. A causa desta grandissima falha, não está ainda averiguada.

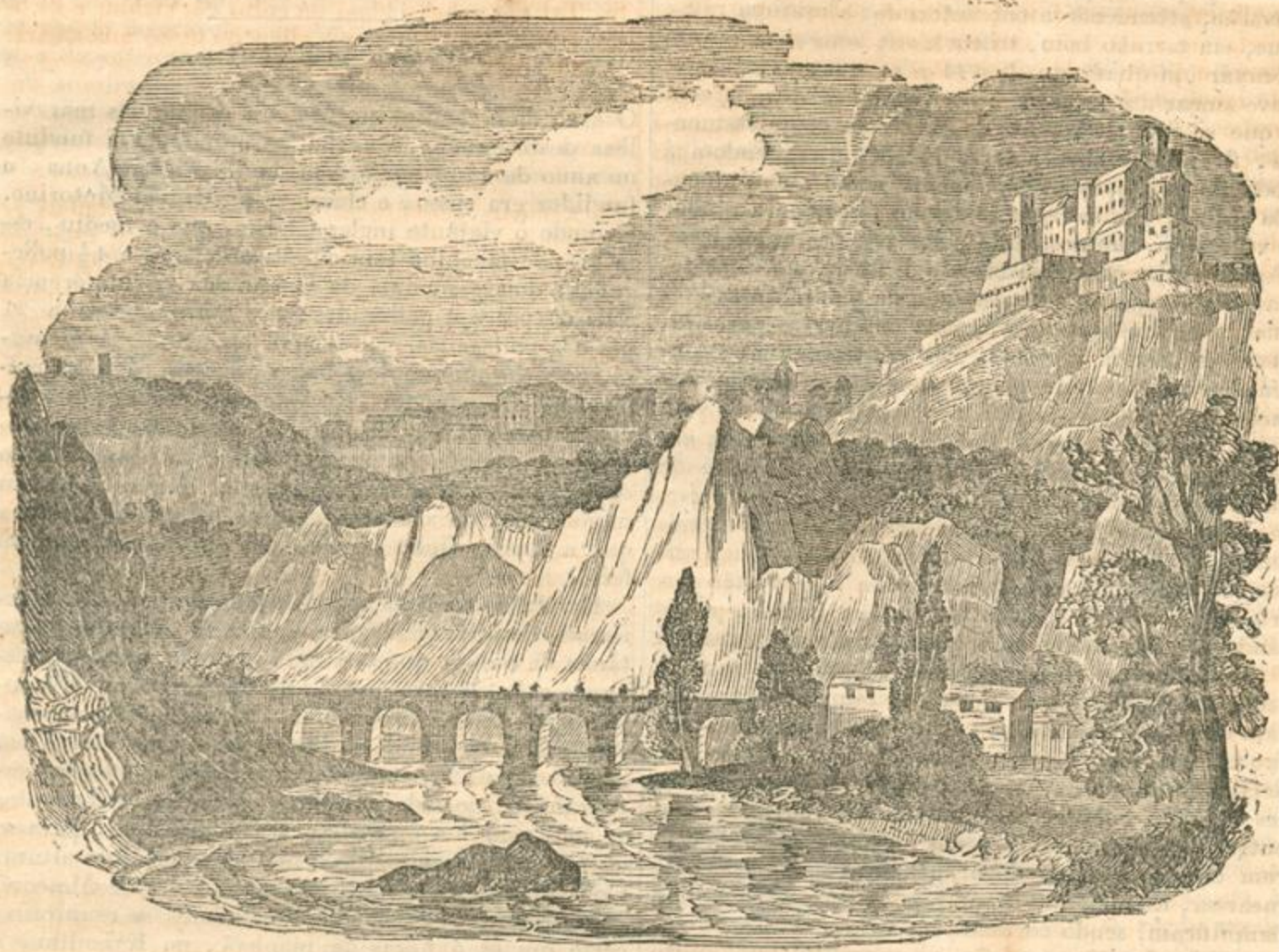
A VESPA VENENOSA.

Nas *Correrias pela India* do capitão Skinner se leem as seguintes particularidades sobre um dos mais peçonhentos insectos da India.

É este uma vespa em miniatura, do tamanho de

uma pequena mosca, e cujos queixos formam uma especie de torquez, com que faz feridas dolorosissimas. Diante deste insecto é impossivel estar-se quieto: é necessario bulir constantemente o corpo. Os montanhezes do Himalaya, apenas os morde a tal vespa, largam o trabalho, pulam, voltéam, dançam como doudos, batem com as mãos por toda a

parte do corpo, e feito isto por alguns momentos, continuam a trabalhar, até que venha pica-los outro daquelles insectos, e os obrigue a começar de novo tão penoso exercicio. A ferretuada deixa um signal negro na pelle; e o corpo dos indios anda ás vezes tão cuberto destes signaes, que apenas se lhe conhece a côr natural.



A SERRA DO SAL EM CARDONA.

A CIDADE de Cardona, na Catalunha, é famosa pela celebrada mina de sal, que representa esta gravura, e que é situada juncto ao rio Cardonero, que rega o valle contiguo á mesma mina. A montanha é, segundo varias explorações, toda uma grande mole de sal, e tem de altura quatrocentos ou quinhentos pés sobre o nivel do rio, estendendo-se a grande distancia do Oriente para o Occidente; em frente do rio é quasi perpendicular. A parte donde se extrah o sal dista obra de tres quartos de milha da Cidade, e está n'um pequeno valle, cerrado d'um lado pelo pincaro que occupa o castello de Cardona, e do outro por uma meia lua que formam as serras, sitio denominado *el bosque del sal*, porque antigamente era uma grande matta de pinheiros; e agora está cheia de vinhas, que prosperam n'um torrão que apenas tem dois palmos de terra vegetal, que cobre o sal, de que toda a serrania é formada.

O sal em bruto, extraído da mina, é de varias côres, porém depois de moído fica d'uma alvura bellissima. Exporta-se d'alli em cavalgadas para os portos de Barcelona e Tarragona, ainda que os caminhos são escabrosissimos, porque não ha uma estrada regular; obstaculo este que, juncto ás desigualdades do chão, diminue consideravelmente um commercio que podia ser muito lucrativo, se o governo

hespanhol o protegesse, e facilitasse as communicções mediante bons caminhos publicos; porque as minas são inexgotaveis, e todo o territorio em tres milhas, e mais, de circuito, é da mesma natureza. A que actualmente se explora pertence á casa dos Duques de Medina Caeli, que por isso pagam ao estado um forte imposto.

Nada é comparavel á vista da montanha de sal, ao nascer do sol, porque além dos seus contornos, parece da margem contraria do rio uma serra de pedras preciosas, reflectindo esplendidamente todas as brilhantes côres, que produzem os raios do sol atravez do prisma. O erudito conde de La Borde falla desta scena com enthusiasmo, como pôde ver o curioso no *Itineraire descriptif de l'Espagne*.

O MICROSCOPIO.

É o MICROSCOPIO um instrumento optico, por meio do qual se patenteam a nossos olhos innumeraveis multidões de creaturas viventes, cada uma com sua organização, tão perfeita e acabada, que, se a examinarmos, nos parece inexplicavel o como seja tão tenue, e ao mesmo tempo complicadissima, a ponto de exceder a nossa comprehensão.

Crê-se que o microscopio foi inventado pelos annos de 1621, mas por quem, é o que se não sabe ao certo, posto que o invento vulgarmente se attribua a um hollandez, chamado Drebell. A historia deste instrumento, como a das nações e artes, teve os seus periodos de esplendor; depois passaram-se outros, em que nelle se não fizeram aperfeiçoamentos nenhuns de valia, até que circumstancias favoraveis — o descubrimento de algum objecto novo, ou algum melhoramento nos instrumentos de observação — despertaram a attenção dos curiosos, e os animaram a fazerem novas indagações. Foi então que o invento do microscopio se aproveitou, e o meio que elle offerecia para as observações foi empregado por homens de grandissima capacidade scientifica, que enriqueceram quasi todos os ramos da historia natural com os descubrimentos que fizeram com elle. E na verdade, a custo se achará na natureza um objecto de tão pouca monta, que não tenha alguma cousa que convide a examina-lo, e nenhum haverá, que, sendo devidamente examinado, não pague largamente o trabalho do exame.

Serve o microscopio para ver os objectos minutissimos, que tomam apparentemente grande vulto, por via deste instrumento, que faz avisinhar muito mais dos olhos a imagem do objecto. O microscopio pode fazer-nos enxergar animalculos do comprimento da decima millesima parte de uma pollegada; e se esses insectosinhos tiverem de altura metade do comprimento, e outra metade de largura, uma pollegada cubica poderá conter, por conseguinte, quatro milhões de milhões delles! Ha varias especies deste instrumento, que variam na sua estrutura, segundo a fórma que cada physico lhe quer dar; mas, as differenças importantes são só tres, a saber; os singelos, os refractivos compostos, e os de reflexão, cujas diversas construcções variam essencialmente.

Das granadas, rubins, saphiras, e diamantes se fazem as melhores lentes para os microscopios singelos. Com um bom microscopio se descobrem globulos no sangue, cujas funções são importantes, o chymo, o chylo, a lympa, o leite, o pus &c. Tambem este instrumento mostra globulos activos nos orgãos dos vegetaes. A animação ou existencia vital parece começar em um desses globulos, chamado *monas termo*, ponto transparente, que se descobre com o microscopio, e que pertence á classe dos animaes infusorios.

CRUEZAS DO PAGANISMO INDIO.

Um membro da sociedade das missões britannicas refere os seguintes factos que assevera ter presenciado á entrada de um templo indio nas cercanias de Madrastra.

A multidão tinha-se reunido durante a noite. O primeiro objecto que pela manhã moveu a attenção foi uma velha, deitada de costas no chão, com a cara pintada de branco, e exposta aos raios do sol. Ao pé della, estava, tambem deitado, um homem robusto, em cima de um feixe de cardos e espinhos, invocando os deuses. Adiante, viam-se seis creanças que pareciam adorar outro homem: cantavam accoradamente, e meneavam com graça os bracinhos. Para outra parte certa mãe expunha ao sol seu filho, cujos olhos tinham sido arrancados; pouco mais longe, outra creança jazia tambem no chão, com os olhos fóra das orbitas, e com os membros desconjunctados: outra estava sobre uma cama de espinhos; outra, que teria seis annos, estava dobrada pelas costas para traz, de modo que ajunctava os pés com a cabeça; outras tinham os ossos esmigalhados; outras

caminhavam por cima de estrépes agudissimos; outras, enfim, expostas nuas aos raios do sol, gritavam revolvendo-se em terra, banhadas em suor. Em sitio mais proximo dos idolos do pagode, via-se um homem, cujos braços lhe tinham sido recalcados desde a meninice para debaixo da pelle das costas, de maneira que parecia não os ter: outro, com um canivete na mão, o corpo cheio de sangue, e os cabellos empastados de lodo, dava golpes continuos no rosto. Tal era o bello ideal do culto de Vichnú e de Siva, que se apresentou aos olhos do nosso missionario. — *The Missionary Register.*

OS KIRGHIZ.

Os KIRGHIZ constituem umas poucas de tribus errantes, que vagueiam no meio dos *steppes*, ou planicies incultas, que jazem desde o mar Caspio e lago de Aral ate os confins da Siberia moscovita, e desde as cercanias da cidade russa de Oremburg, situada perto dos montes Urals, até as fronteiras da Tartaria china; vastissimos descampados de quasi 50:000 leguas quadradas, onde só se encontram serpentes brancas, onagros, e cavallos bravos.

Formam os kirghiz, ou kaisaks, tres grandes divisões, chamadas *hordas*, que unidas montam a dois contos e quinhentos mil individuos, todos com feições europeas, mas tirando a amarellos, com os narizes achatados, olhos pequenos, e fallando um dialecto turco.

Mergulhados na barbaria mais completa, gosam tambem da mais absoluta liberdade, de que se servem só para fazerem mal, rejeitando com desdem tudo o que tende a civilisa-los, ou a abrandar-lhes o genio violento, feroz, e desconfiado. Ladrões por officio, vivem de roubar, e só teem por lei a cruesa. Entre elles nenhum modo de governo ha, nem cabeça algum reconhecem; porque os kans ou sultões teem auctoridade apenas nominal: a anarchia é a sua permanente situação, e a sua regra de vida o satisfazer todos os appetites mais hediondos. Ignoram, ou despresam as artes, sem exceptuar a agricultura: alguns, porém, costumam caçar com aguias amansadas, como na idade media se caçava com falcões. Entregues, ordinariamente, a ignobil madraçaria, deitados nas suas tendas, de verão porque faz muito calor, d'inverno porque neva ao redor delles, não saem da inacção, salvo, quando teem os mantimentos gastos, para buscar outros; semelhantes ao tigre que mettido nas brenhas profundas, só dellas sae para fazer matança. Neste repouso do crime, o kirghiz se entrega á luxuria, com desenfreado ardor. Cansado de dissoluções, precisa, para se entreter, de contos maravilhosos, de noticias verdadeiras ou falsas: não dá hospitalidade aos estranhos, senão com a condição de lhe contarem alguma historia divertida: por estranho, entende-se algum kirghiz peregrino, porque o kirghiz só aos seus offerece abrigo.

Melancholico e carregado o kirghiz gosta da solidão, e encerra-se muitas vezes, só com as suas concubinas. Extremamente credulo, é ao mesmo tempo perfido em gráu subido: por isso não ha que fiar nas suas promessas, e nenhuma tregua ou tractado se pode fazer com este povo, talvez o mais vicioso e bravo do mundo antigo.

Sujeito a poucas necessidades, sem luxo domestico, excepto em cavallos, o kirghiz não deixa por isso de ser sordidamente avaro, e insaciavelmente cubigoso, de maneira que ás vezes se armam horriveis brigas sobre a repartição do mais nojento farrapo; porque depois do sacco de uma caravana, distribue-se a pre-

sa, e quebram-se os objectos mais pequenos, para cada salteador ter o seu quinhão: um relógio, por exemplo, é feito em pedaços, levando este uma roda, aquelle uma mola; e ainda em cada tenda, se dividem estes fragmentos entre os amigos e parentes do ladrão que já ahí estão á espera d'elle.

A ousadia do kirghiz é a dos covardes: saltea, e rouba ou mata de improviso. Em sabendo que uma caravana se aproxima, monta a cavallo, com o alfange em punho, e o laço corrente, para o atirar aos passageiros, do mesmo modo que o fazem os americanos do sul para apanharem os touros, ou os cavallos bravos. O seu primeiro embate é impetuoso e terrível; mas se lhe resistem, assusta-se e foge como um relampago. Espanta-o uma espingarda, e o trom de uma peça o atterra. Não peleja senão escaramugando, ou de embuscada; nunca em campanha rasa: é por isso, que se não atreve a cometter as caravanas russas que atravessam para a banda de Bukhara, acompanhadas de bom troço de soldados.

Se os kirghiz não fossem sobre modo cubicosos, não haveria salvação para os estrangeiros que lhes caissem nas mãos: é á sua sede insaciavel de lucro, que estes devem o não serem mettidos á espada. Ficam captivos, são depois vendidos aos Bukharios, como resgate de outras mercadorias. Para avaliar a cruza de um kirghiz cumpre ve-lo aceso em vingança contra algum de seus proprios naturaes: dilacera-o, da-lhe tractos, e queima-o, depois de lavadas as mãos no sangue d'elle, que tambem bebe: só lhe falta come-lo a bocados.

Perguntando-se a um kirghiz de que religião é, responde: "não sei disso." Templos, não os ha entre elles; macaqueam os ritos mahometanos só no que teem máu; e disso se aproveitam para roubar os falfirs e os guebros. Repetem algumas resas do Alcorão, e dirigem-nas a varios idolos; miscellanea, em verdade, extravagante, mas no meio do qual ha, ao menos, uma idéa consoladora: creem que as almas dos mortos vão morar nas estrellas, onde cada um é festejado ou atormentado pelos bons, ou máus genios, segundo as boas ou más obras que fez.

Os kirghiz teem grande asferro aos seus areentos descampados. Se os arrancam d'alli, o que succede, quando, aprisionados pelos russos, os levam para Oremburg ou para Astrakhan, nada lhes póde riscar da lembrança o seu paiz: e se algum chega a evadir-se, e voltar a elle, apenas passa a fronteira, enlevado de gosto, cobre de beijos e rega de lagrimas a terra das suas hordas. Assim, em toda a parte, o amor do solo natal está gravado em todos os corações, e quanto mais barbaro é o homem, mais parece que o sente.

Tão supersticioso como feroz o kirghiz crê nos feitiçeiros: verdade é, que estes lhe promettem muito que roubar, e muitas mulheres bonitas, que são os dois objectos que elle mais deseja. Póde ter quantas mulheres quizer e para isso são escusadas as ceremonias matrimoniaes. Aos Calmucoos seus visinhos, vão os kirghiz roubar as consortes, porque conservam mais tempo o viço da mocidade, e são mais tractaveis que as do seu paiz.

Todavia, as mulheres kirghiz são melhores que os homens; e parece que estes monstros bipedes fizeram monopolio de todos os vicios, não deixando para o outro sexo, senão algumas virtudes. Com effeito, as mulheres são compassivas, boas mães, e fieis esposas: encarregadas dos cuidados domesticos, preparam a comida, fazem os vestuarios, ordenham as eguas, sellam os cavallos, e até acompanham, ás vezes, os maridos em correrias longinquas. Se elles captivam alguém, é a ellas que os prisioneiros devem

quasi sempre a vida, e sempre alivios na captividade. Cada uma tem sua tenda apartada, onde alternativamente as vaé visitar o marido; e ha alguns kirghiz que teem duzentas mulheres. Em pontos de ciúme são estes barbaros ferocissimos: se alguém ousasse lançar um volver de olhos a qualquer destas esposas, o marido rasgaria as entranhas ao desgraçado. Este ciúme vem de orgulho, e não do amor; porque as pobres mulheres, apesar da affeição que tem a seus crucis senhores, são frequentes vezes maltractadas por elles, sem piedade.

Uma só ha que não esteja sujeita á raiva do marido: é a que tem a dignidade de principal esposa, e a denominação de *baibicha* ou *mulher rica*, porque trouxe rico dote. O seu esposo legitimo póde dar-lhe ordens, mas não bater-lhe, e ainda menos mata-la: a esta é até permittido o divorcio, se elle a tracta mal, ou despreza: neste caso torna para os seus parentes, e, se lhe parece, casa com outro, que mais lhe agrade.

Pelo que respeita ás demais concubinas, o kirghiz tem nellas auctoridade absoluta, e direito de vida e de morte: se lhe apraz, o tyranno pode com um golpe de cimitarra decepar uma cabeça formosa, cujo sangue fica não vingado. Para dizer tudo em breves palavras: o destino destas mesquinhas creaturas é a servidão mais horrorosa: toda a sua inveja é a situação da baibicha, ou sultana livre, a quem ellas teem obrigação de obedecer humildemente.

TROPAS DA COMPANHIA DAS INDIAS.

A COMPANHIA ingleza das Indias apresenta ainda, apesar da refórma que experimentou nos seus privilegios, em 1833, o espectáculo de uma sociedade de negociantes revestida do poder supremo, não em uma feitoria ou cidade, mas em um vastissimo imperio, como é o dos inglezes na India. Para sustentar este poder, porventura algum dia contra a mãe patria, e hoje contra os reis da Asia, tem a companhia a seu soldo um exercito, mui superior aos das potencias de segunda ordem na Europa: o estado deste exercito, e a despeza que fazia, segundo a estatística de 1830, a mais recente que podemos obter, era

Engenheiros europeus e indiatcos.		Homens.	Despeza.
			Lib.
Officiaes e soldados		1:084	83:873.
Artilharia europea a cavallo		2:560	199:141.
„ „ a pé		7:469	252:343.
„ indiatca a cavallo		1:062	74:279.
„ „ a pé		6:294	100:740.
Cavallaria europea [de linha]		2:577	172:583.
„ indiatca regular		12:248	718:853.
„ „ irregular		4:714	179:393.
Infantaria europea [de linha]		17:731	628:618.
„ não pertencente ao exercito inglez		3:634	122:400.
„ indiatca regular		124:391	3:103:355.
„ „ irregular		24:306	270:712.
Invalidos		10:588	—
Pioneiros		3:487	74:511.
Hospital e repartições medicas		1:266	132:853.
Estado-maior		1:033	488:490.
Commissariado		—	614:327.
Differentes despezas militares		—	2:258:046.

Força total 224:444

Despeza total Lib. 9:474:481 ou noventa e nove milhões e quinhentos mil cruzados.

O VIAGEM DO CAPITÃO BRÄGG AO POLO.

O tempo esteve, por uns poucos de dias, tolidado e humido; e nós continuámos nosso caminho, atravez dos gélos soltos, que cubriam já toda a superficie do mar.

A 10 d'Agosto tomámos a altura, e achámos que distavamos apenas algumas leguas da ponta mais septentrional de Spitzberg; mas tão grosso era o nevoeiro, que não a podémos ver. Ao passo que nós íamos approximando della, o gélo se apertava mais á roda de nós. Esperavamos que o vento Sueste nos abrisse uma passagem, mas ventou daquella banda durante 24 horas, e nem por isso ficou o mar mais navegavel. Vinha este vento acompanhado de chuva e neve, e como era ponteiro, difficultava muito a mareação do navio.

No dia 12, estâdo o tempo sereno, e ennevoado, percebemos que com a fluctuação do gélo descaíamos para a banda de Leste: á volta da meia-noite, o tempo aclarou, e o capitão Slapperwack nos avisou de que estavamos entré as sete ilhas.

Mandámos alguns homens por cima do gélo até a ilha mais septentrional, para verem se dos seus promontorios se descubria alguma cousa. Voltaram á noite, depois de uma penosa marcha, e disseram-nos que nada se enxergava senão um vasto continente de gélo, que se estendia sem limites, e sem esteiro nenhum pelo meio. A idéa de termos de passar o inverno nestes sitios nos pareceu mais cruel do que a morte: resolvemo-nos, portanto, embora a empresa fosse desarrazoada, a empregar todas as nossas forças reunidas em abrir caminho por entre o gélo que nos rodeava, e principiava a apertar-nos.

A primeira cousa em que cuidámos foi em abrir, como já fizemos, uma caldeira, em que o navio podesse estar seguro algum tempo; depois pozemo-nos a trabalhar na abertura de um canal pelo gélo fóra, até o mar alto.

Toda a marinhagem trabalhava com incrível fervor; mas, depois de termos cortado pedaços de gélo de oito a quinze pollegadas de grossura, encontrámos outros que tinham muitas braças de alto, e que nenhuma força humana seria capaz de separar. Perdendo então todas as esperanças de bom exito nesta empresa, abandonamo-la para pôrmos por obra outro projecto, que, sem dar menos trabalho, prometia, ao menos, melhor resultado.

Tomou-se unanimemente a resolução de não passar o inverno nestas paragens. O nosso projecto consistia em cubrir com pannos leves os bateis, e levá-los por cima do gélo, até acharmos logar accommodado para os pôr a nado. Feito isto, esperavamos, ajudando-nos das vellas e dos remos, poder chegar á enseada mais septentrional de Spitzberg, a tempo de arranjar passagem a bordo de algum baleeiro.

No outro dia o vento saltou a Nor-Nordeste: fazia um frio insupportavel. Arreámos os bateis para o gélo, e forramos-os por dentro de baetas, com que nos resguardassemos do frio, no caso de os podermos pôr a nado.

Gastou-se o dia todo em cozer uma grande porção de peixe para a viagem; repartimos pelos marinheiros saccos em que haviam de levar pão, e a outra matalotagem mais necessaria, e com que elles podessem, porque os bateis estavam já cheios com bebidas espirituosas e outras provisões. Pareceu-nos que cada homem podia levar pão para vinte e cinco dias. Sobre o trenó, que havia de ser puxado pelos cães, pozeram-se mais alguns mantimentos e os instrumentos mathematicos.

O capitão Slapperwack e um dos pilotos, o melbör, partiram em quanto se faziam estes arranjos, e, com uma agulha de marcar, um bóm telescópio, e providos d'algum mantimento, foram adiante observar que caminho nos convinha tomar. Voltaram alta noite, e por elles soubemos que a agua navegavel, que descobrimos mais perto, era a dez leguas para Oeste: disseram-nos tambem, que tinham encontrado muitos pinheiros, uns arrojados para cima do gélo pela violencia dos ventos, outros fluctuando nos lagos que havia pela extensão daquellas campinas congeladas: e accrescentaram, que lhes parecia que, se chegassemos a pôr os bateis a nado, nos seria facilimo alcançar as costas de Spitzberg, e até tornar a voltar para o navio, se já fossem idos todos os baleeiros; que poderíamos transportar para a nossa antiga habitação uma porção de mantimentos, bastante para alli passarmos o inverno.

Fomos todos desta opinião, e no outro dia ás 6 horas da manhaã partimos, ficando quatro homens no navio, com Douglas; porque elles quizeram antes correr o risco de se deixarem alli ficar, do que expôr-se aos trabalhos e perigos da nossa arriscadissima empresa, obrigando-se a irem buscar-nos a Spitzberg, no caso de poder o navio romper por entre o gélo.

Separámo-nos, enfim: parte dos marinheiros puxavam pelos bateis, parte empurrava-os pela banda de traz; outros iam adiante desimpedindo o caminho, como gastadores daquelle exercito.

O trenó corria com grande ligeireza, mas vimonos obrigados a sopear os cães, porque nós íamos muito de vagar. Podia-nos ser de grande proveito para transportar do navio para os bateis as cousas que houvessemos de carecer, se alcançassemos chegar ao mar alto. Não ousavamos, todavia, lisongearnos de levar a cabo a empresa, não tendo podido vencer em seis horas mais d'uma milha. A esta distancia parámos para jantar, e porque já não nos podiamos ter de cansados.

Accendemos lume sobre o gélo, com os pedaços de madeira que tinhamos apanhado pelo caminho, e tractavamos de cozer algumas postas de carne de urso, e de peixe, quando tivemos o gosto de ver chegar os tres homens que tinham ficado a bordo com Douglas, que nos traziam da parte delle carne cozida e caldo quente. Este alimento, acompanhado com um copo de aguardente, nos reanimou as forças.

Obra de cinco horas depois do meio-dia, estando ainda connosco os tres homens, que vieram de bordo, ouvimos o conductor, que ia já adiante, do trenó, disparar a espingarda: voltei para lá o oculo, e vi claramente que a nossa jornada estava a acabar: o gélo tinha-se quebrado a distancia de meia milha, e formára uma especie de caldeira muito larga, em que se precipitaram os cães, que iam atrelados, e o conductor só podéra salvar o trenó cortando os tirantes, e sacrificando os pobres animaes, que se affogaram, sem lhes podermos valer.

Esta catastrophe consternou todos, e mais atterrados ficámos quando sentimos bulir o gélo debaixo dos pés. Concluimos deste phenomeno que toda aquella móle de gélo estava a nado. Douglas, que de bordo observára esta mudança, disparou tambem uma espingarda para nos dar aviso.

Percebemos que o gélo derivava para a banda de Oeste. Tendo atirado para dentro dos bateis os cabos que nos serviam para os puxar, deixámos nelles uns poucos de marinheiros que bastassem para os marear, em o gélo se quebrando, tendo por impossivel arrasta-los outra vez para bordo do navio: já não era pouco ter salvado o trenó, onde estavam os

instrumentos mathematicos; porque se tivessem ido para o fundo com os cães, ter-nos-ia, talvez, sido impossivel sair destas regiões da morte.

Brevemente chegámos de volta ao navio, que já achámos fluctuando em uma caldeira, que se abria á roda delle. Se Douglas não tivesse ficado a bordo, não poderíamos chegar lá senão a nado, empresa por certo arriscadissima em agua tão fria.

O gèlo continuava a derivar para a banda d'Oeste, e a todos os instantes nos viamos em risco de ser despedaçados pelo encontro dos lados oppostos do canal por onde vogavamos. Já tinhamos andado obra de duas milhas, e os marinheiros estavam meios mortos de cansaço; tinham trabalhado como cavallos durante vinte e quatro horas, e ainda lhes era necessario servirem-se de croques, e páus ferrados para afastarem o gèlo, e obstarem a que o navio fosse submergido. Ainda bem não estavamos salvos de um perigo já outro nos ameaçava de inevitavel ruina. Nesta situação nenhum soccorro podíamos dar aos bateis que tinham ficado sobre o gèlo.

Mas o Todo-Poderoso, cada vez que perdíamos as esperanças de nos salvar por nossas proprias mãos, parecia olhar para nós com olhos de piedade, e ajudar-nos com seu divino soccorro. Mudou o vento, e no mesmo instante o gèlo começou a estourar por todos os lados com um ruido espantoso, e de maior estampido que o de trovões.

Vimos então este immenso continente de gèlo, cujos limites não alcançavamos, dividir-se em uma tal multidão de fragmentos, que cubriam o Oceano para todos os lados, formando montes e valles, variadissimos, tanto na fórma como no tamanho.

Este venturoso successo reanimou a esperança em todos os corações, e enchendo-nos de novo vigor, nos varreu do espirito a idéa de que precisavamos de repouso. Mettemos panno largo, querendo aproveitar-mo-nos da brisa para abrir caminho pelos esteiros que começavam a formar-se, e a separar as porções de gèlo que estavam ainda ligadas.

Em quanto uma parte da tripulação trabalhava em fazer andar o navio, a outra, que tinha ficado a bordo dos bateis, fazia diligencias para os pôr a nado, o que não era facil. O gèlo, posto que dividido em milhões de pedaços, formava ainda á roda dos bateis uma especie de ilha, na qual estavam tão encravados, que era impossivel move-los. Nós estavamos já afastados delles mais de quatro milhas, e temíamos que o movimento do gèlo ainda mais nos afastasse. Mandar-lhes soccorro por cima deste, era cousa impossivel; porque ainda que não estivesse bem quebrado para os bateis poderem nadar, todavia, tambem não tinha consistencia bastante para se poder andar por cima delle.

Trabalhando nós, comtudo, por soccorre-los, vimos que, enfim, á força de trabalho estavam salvos. Apenas nos tinhamos podido approximar delles obra d'uma milha, quando percebemos que estavam a nado em um canal, que se abria na direcção de Noroeste; e em breve os vimos ao pé de nós. Achando-nos, finalmente, outra vez junctos, tomámos a resolução de não nos tornarmos a separar, succedesse o que succedesse.

Refrescando o vento de Les-Sueste, e de Leste, os gèlos se separaram tão rapidamente como se tinham amontoado á roda de nós, quando ventava de Oeste e do Norte: o que é prova incontestavel de que existe da banda de Leste uma terra, que, embaraçando o curso dos gèlos que empurra o Oeste e o Norte, os aperta uns contra os outros, e fórma delles um corpo compacto.

Pelo contrario, quando o vento é terreno, os gè-

los, não achando resistencia, se espalham pelo Oceano, onde fluctuam em pedaços, até serem impellidos de novo por ventos oppostos.

A 15 de Agosto achámo-nos no meio de um denso nevoeiro, e sobrevindo calmaria, com que não podíamos navegar, dei licença aos marinheiros para se írem deitar nas suas macas. Fazia então muitissimo frio, e caíam torrentes de chuva, o que demorava muito a nossa navegação.

Pela volta das 11 horas saltou do Nordeste uma brisa forte, extremamente fria, que abriu os gèlos do lado de Noroeste: fizemos então toda a diligencia para vencer caminho, rompendo por entre elles com tal violencia, que estavamos continuamente sentindo vergar os mastros e ranger o cavername. Mas não era occasião de fazer caso de bagatellas, dependendo a nossa vida da brevidade com que chegássemos ao mar alto.

Depois de algumas horas de trajecto perdemos de vista as sete ilhas, e pouco depois, com grande prazer, enxergámos ao longe a ilha de Spitzberg.

Continuámos a viagem atravez dos gèlos, ficando-nos ao Sul o promontorio de Hacluit. Pela volta das oito horas da tarde ouvimos um tiro de artilharia, que nos annunciou, pela primeira vez depois de tantos mezes, que não eramos os unicos habitadores do globo.

No dia seguinte pela manhã vimos dois baleeiros hollandezes para a banda de Sudoeste: neste mesmo dia, achando-nos, enfim, livres de gèlos, mettemos panno com vento de feição, e endireitámos com a angra de Smearingburg. Ás duas horas da tarde tinhamos fundeado na bahia do Norte.

Quando chega o dia do desfavor, apparece no privado, que descaiu da graça, um não sei que monstruoso, e o homem se converte em demonio. *Victor Hugo. Prol. de Ruy Blas.*

O HOMEM E O MUNDO.

Os PHILOSOPHOS antigos chamaram ao homem mundo pequeno. . . Não é o homem um mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas é um mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada um maior que o mesmo mundo, e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o ceu, as estrellas tem seu curso ordenado, que não prevertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar, com ser um monstro indomito, em chegando ás arêas, pára: as arvores, onde as põem, não se mudam: os peixes contentam-se com o mar; as aves com o ar; os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro ou chimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição, nem appetite o farta: tudo perturba, tudo preverte, tudo excede, tudo confunde, e como é maior que o mundo não cabe nelle. — *Vieira. Sermões.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.